

UMA LINGUÍSTICA APLICADA PLENAMENTE EMANCIPADA: UM SONHO OU UMA PERSPECTIVA CONCRETA?

Kanavillil Rajagopalan*

Bom dia a todos e a todas¹.

É com prazer que aqui estou conversando sobre esse tema que me foi oferecido pelos organizadores desse congresso². Eu devo confessar que no momento em que estava preparando o roteiro de minha fala, ocorreu-me que estava muito mais envolvido com a Linguística Aplicada (LA), tendo em vista que sou filiado, na Unicamp, ao Departamento de Linguística e não ao da Linguística Aplicada.

Meu primeiro contato com a Linguística Aplicada se deu na década de 70, mais precisamente em 1974, quando fui à Universidade de Edimburgo para um curso de pós-graduação em Linguística Aplicada. Estava eu afinal em uma universidade de grande porte que oferecia, pela primeira vez, um curso de pós-graduação em LA, área que ainda engatinhava no universo dos estudos acadêmicos. Nessa época eu já era mestre em Linguística e Literatura Inglesa e ministrava aulas de literatura inglesa na universidade de Nova Delhi. E na minha aterrissagem na Escócia, logo nos primeiros dias, fui a um coquetel de confraternização, em que estava o professor Pit Corder – já então um grande mito, cujas publicações, notadamente o livro – um *best-seller* – *Introducing Applied Linguistics* (1973), seguida pela obra monumental de 4 volumes organizada por ele e seus colaboradores, mais tarde se tornariam cânone na Linguística Aplicada. Em nosso bate-papo, perguntou-me o que eu ali fazia e qual era minha formação. Informei-o de meu percurso na linguística teórica. Tal informação o levou a seguinte exclamação: — Esse curso vai fazer muito bem a você! Naquele momento não entendi a extensão do significado que ali se fazia presente, e só algum tempo depois, percebi que, naquela época, a Linguística Aplicada era considerada um *adendum* da Linguística (Teórica ou Geral, como se

*Kanavillil Rajagopalan é professor titular em Semântica e Pragmáticas das Línguas Naturais, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem e pesquisador 1A do CNPq. É autor 5 livros: *Nova Pragmática, Fases e Feições de um Fazer* (2010), *Applied Linguistics in Latin America* (2006), *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias* (em parceria, 2005), *A Linguística que Nos Faz Falhar* (em parceria, 2004), *Por uma Linguística Crítica* (2003), e colaborou com Yves Lacoste na edição brasileira *A Geopolítica do Inglês* (2005). Publicou mais de 350 textos (artigos em revistas nacionais e internacionais, resenhas, capítulos de livros, anais de congressos, verbetes em *handbooks* e enciclopédias etc.). Em dezembro de 2006, recebeu o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico "Zeferino Vaz".

¹Fiz questão de manter o mais possível o caráter informal que dei à minha palestra, resumindo alguns pontos redundantes, próprios da oralidade, mas deixando entrever o sujeito in *preasentia* daquele momento, para inclusive reforçar minha argumentação de que por trás das ideias há sempre um sujeito localizado.

²Palestra de abertura do II FLAEL, Congresso Internacional do Fórum de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, proferida na Universidade Federal do Ceará, em 24 de novembro de 2010.

queira). Fiquei desapontado ao perceber que o campo de LA era considerada, para citar as palavras do próprio Corder “um consumidor e não um produtor”, e pensei com os meus botões: — Era melhor ter ficado na Índia em vez de enfrentar o frio do inverno rigoroso na Escócia. E a partir dessa experiência e passados esses quase 40 anos, vou rastrear com vocês, por um olhar retroativo, o que estava em jogo, e sobretudo levantar as circunstâncias históricas desse processo.

Mas antes, é importante, primeiro, chamar a atenção para o fato de que circunstâncias históricas não são uma estrada linear. Geralmente quando se fala em ciência, pensa-se só nas ideias que a constituem, como se elas existissem e circulassem independentes dos sujeitos que estão por trás delas – com certeza, seres humanos situados, histórica, social, geográfica e culturalmente. E segundo, se naquele momento escocês eu não tinha consciência desse fenômeno, hoje reafirmo com convicção plena o que minha colega Ines Signorini traduziu como “linguagem situada”, o que corresponde em inglês ao *situatedness*. Eu diria até que é mais do que “situada”, ou seja, todos nós, pensadores, cientistas – todos sem exceção –, temos nossas trajetórias de vida, que de alguma forma influenciam as nossas ideias. Por exemplo, quando um mestrando ousava, espero que em idos tempos, dissesse *eu penso assim...*, o orientador esbravejava *que ‘eu’ é esse?* E íamos todos para os truques da voz passiva e do sujeito indeterminado, como se o sujeito da ideia formulada pudesse ser eliminado. Até na vida comum, costuma-se esconder o sujeito, vide o que acontece nos aeroportos quando os alto-falantes direcionam os passageiros para outro portão: *devido o reposicionamento da aeronave...* Ora! Até parece que a nave se desloca por conta própria! Enfim, em nome da ciência, o eu se esconde ou é escondido, como se as ideias pudessem se manifestar sem relação com um eu formulador, como se o eu não fosse situado, e mais ainda, como um eu que se manifesta na Conchinchina não tivesse pátria! É como se a ideia formulada circulasse pelo mundo sem uma voz-sujeito situada. Ideias tem pátria, tem geografia, sim! Por exemplo, eu mesmo, nasci na Índia, vivi na Inglaterra e boa parte de minha vida no Brasil, tudo isso faz parte de como eu penso. Não adianta esconder a nossa biografia. Cada um de nós, em nossas pesquisas traz consigo a sua biografia. E temos de valorizá-la. Cada um de nós tem suas próprias particularidades, que produzem novas ideias. Logo a minha fala é minha interpretação de como a história da Linguística Aplicada evoluiu.

O primeiro degrau é dizer que a Linguística Aplicada só poderia ter nascido no mundo anglófono. Por que? Na II Grande Guerra, Inglaterra estava de joelhos, enquanto Estados Unidos planificava o seu lado de grande potência, quando percebeu o potencial de expandir a língua inglesa pelo ensino, devido o instante histórico necessitar da aprendizagem de línguas diferentes, por exemplo, ensinar soldados estacionados no Japão. Nesse período, Linguística Aplicada nada tinha a ver com linguística nem com aplicação, referia-se a estudos da linguagem. Enquanto isso, a Linguística significava correr atrás de índio, catar fonema e morfema. E é nesse momento que a LA toma um rumo no mundo anglófono, pois a Inglaterra, reconhecendo estar em declínio percebeu a chance de exportar o ensino da língua inglesa e com isso resgatar um pouco o seu *estar-de-pé*. Verifica-se, então, um bojo de desespero da perda de poder e a chance de se renovar pela exportação da língua inglesa. E a favor desse movimento estava o Conselho Britânico, composto por muitos

professores. Temos aí os primeiros passos da Linguística Aplicada: como estender o ensino de inglês no mundo – temática trabalhada por Robert Phillipson em seu livro *Linguistic Imperialism* (1993), no qual analisa o Conselho Britânico e sua retórica de promover o inglês, mais os méritos e os *shortcomings* da teoria “inglês-língua-ensinando”. Mais importante que o petróleo do Mar do Norte era a língua inglesa! Até os meados de 80, o desespero dos ingleses ainda se manifestava em reconhecer sua perda de poder. Por exemplo, as universidades como as de Cambridge ou a de Oxford só autorizavam a ortografia do inglês praticada na Inglaterra, o que me faz lembrar do poeta inglês Robert Bridges, o último poeta laureado da Inglaterra³, que fundou uma associação para a preservar a pureza da língua inglesa. Em um de seus ensaios clama o desespero de uma nação que conquistou o mundo e que agora tinha sua língua desvirtuada. Mas os ingleses acabaram reconhecendo que até a sua língua inglesa, dos verdadeiros nativos, foi *pras cucuias*. Um outro exemplo ocorre na década de 60, quando os indianos eram tidos como falantes de um inglês que ninguém entendia. Gillian Brown (1990) foneticista, e seu grupo de pesquisa fizeram um esforço tremendo em *consertar* a fala dos indianos: estiveram em Madras (hoje Tamil Nadu) e ao final do treinamento acharam que tinham conseguido que os indianos falassem igual à rainha da Inglaterra. Um ano depois voltaram para saber o resultado de seus esforços: os falantes já haviam voltado a falar como antes do treinamento. Esse evento foi conhecido como *Madras Snowball* (Bola de Neve de Madras). Apesar de todo esse apelo a um inglês puro, na década de 70, os indianos já contavam com uma produção literária bastante representativa, demonstrando que o inglês britânico não podia mais restaurar seu império, muito menos o linguístico. Hoje a Índia só perde para os Estados Unidos e Inglaterra em produção em língua inglesa.

Esse movimento de expansão da língua inglesa nos mostra que a Linguística Aplicada da década de 70 tinha uma visão profundamente imperialista, ou seja, o hemisfério norte produzia, e nós do sul, os *cucarachos*, consumíamos.

Essa posição permanece até 1985, o ano fatídico para a Linguística Aplicada: o Conselho Britânico celebrava os 50 anos de sua fundação e em um mega evento em Londres, o professor Braj Kachru, da Universidade de Illinois, enfrentou um dos mitos da Linguística Aplicada, Sir Randolph Quirk. Este dizia que a única maneira de falar inglês era falar igual à rainha, e Kachru rebateu pela prerrogativa de que inglês não pertencia mais à Inglaterra. Inglês não era mais propriedade de ninguém – surgia o *World English*, aquele espalhado no mundo inteiro, sobre o qual ninguém tinha controle. Eu diria que é um inglês que nem falante nativo tem, é um inglês falado até na fila do *check-in* no aeroporto de Guarulhos, um inglês cuja concepção de idioma é completamente diferente.

Chamo atenção para esse fato para dizer que a Linguística Aplicada deixou de ser mera aplicação de teorias da Linguística, até porque em grande parte a Linguística continua comprometida com o *Zeitgeist* do século XIX. Esse espírito do tempo está ainda nas classificações e reações nos estudos da linguística teórica: (1) ainda utiliza a metáfora vida e morte, haja vista as classificações tais como línguas

³Poeta laureado é aquele nomeado por um governo do qual se espera que componha poemas para acontecimentos de estados e governamentais; é uma nomeação da rainha. Robert Bridges (1844-1930) recebe a Ordem de Mérito em 1913.

mortas, línguas vivas – senão até línguas moribundas; (2) as línguas mistas, ainda repudiadas por professores de línguas, estão aí – *portunhol*, *spanglish*. Max Müller, filósofo alemão do século XIX, sem dúvida um grande conhecedor de línguas, afirmava que não existia línguas mistas. Mas me pergunto: — Como alguém pode afirmar, com tanta certeza, que não existem línguas mistas, justamente em um século em que surgiram tantos pidgins e línguas crioulas devido às conquistas coloniais!

Várias questões aí se formulam. Primeiro, utilizamos a língua para exprimir nossos preconceitos; e muitas vezes regurgitamos conceitos de língua regidos por nossos preconceitos, tais como, italiano é romântico, alemão é língua masculina. Só falta dizer que o francês é perfumado! Segundo, às vezes, utilizamos uma sentença declarativa para camuflar um desejo subliminar; quando alguém afirma que não há línguas mistas pode estar mostrando o *desejo* de que não haja línguas mistas. É o caso da afirmação peremptória de Max Müller, pois estava dando vazão a um dos maiores temores do colonizador, ou seja, a colonização europeia ao redor do mundo se justificava por uma falsa premissa, a superioridade racial dos colonizadores em relação aos colonizados, e a aceitação de línguas mistas poderia significar o fim dos impérios. Não estou acusando Max Müller de imperialista e racista, mas afirmo que, muitas vezes, nossas falas são atravessadas por outras do discurso vigente. Continuando em exemplos circunstanciais, alguns antropólogos afirmam que a antropologia do século XIX era muito influenciada pelo racismo colonial. E uma piada entre eles assim o constata:

Joãozinho: — Pai, o que é antropologia?

Pai: — Filho, antropologia é quando homem branco olha para índio.

Joãozinho: — E quando índio olha para branco?

Pai: — Aí, filho, é mitologia pura!

É o que postulam alguns sociólogos – os paradigmas *reinantes* dependem de movimentos socio-históricos: Química reinava no início do século XX, hoje é a Física, no século XIX era a Biologia – daí se explicar as categorias da metáfora vida e morte no que tange as línguas. Christopher Hutton em sua obra *Race and the Third Reich* (2005) explica essa questão muito bem, ao discutir os conceitos chaves e controvérsias que marcam os estudos acadêmicos sobre raça na Alemanha nazista, detendo-se em particular na disciplina de antropologia racial e sua relação com a linguística e a biologia humana.

Isso nos mostra que a Linguística não está acima de interesses socio-geopolíticos. Na minha perspectiva, não há nada de errado em cientistas e pensadores admitirem que em sua voz há outras sobre as quais não tinham controle. E não só a Linguística se salva do *zeitgeist* de dois séculos atrás, com também a Linguística Aplicada, de seu comprometimento de que é aplicação da Linguística, instaurado em seus primórdios das décadas de 60 e 70 – ela assim foi moldada pelas celebridades do hemisfério norte.

E para refletimos um pouco mais sobre as particularidades que sobrevoam o mundo atual, retorno ao século XV. Soube recentemente de uma pesquisa realizada na França nesse período: era um censo sobre “quantos franceses falavam francês? Na minha cabeça contemporânea refleti de imediato: — Que pergunta idiota! Como um francês não fala francês? Mas havia um sentido para aquele momento histórico, pois apenas 35% da população francesa falava francês. E em seguida volto a me

questionar: — De onde saiu a pergunta de que italiano fala italiano, de que francês fala francês? Foi uma construção feita nos séculos XVI, XVII, XVIII, devido às lutas geopolíticas que se travavam na Europa, e a língua foi um dos instrumentos para consolidar tais posições. Quando chega ao século XIX tal questão já era ponto pacífico. E até hoje a simbiose identitária entre nacionalidade e língua está marcada. No entanto, se formos catar algumas incongruências nessa relação, temos nos Estados Unidos uma prova de língua inglesa de cidadania em que 80% dos americanos não seriam aprovados. Já em pleno século XXI, outra problemática se levanta com a globalização, o movimento do multilinguismo: na cidade de Londres, por exemplo, se fala mais de 800 idiomas; a língua que mais influencia o francês hoje em dia, não é o inglês, mas o árabe. E fica a pergunta: — Tem cabimento a Linguística continuar falando de falante nativo, de língua materna? Não tem o menor sentido a Linguística permanecer nas categorias replicadas de um mundo que não mais existe.

É por isso que digo que o terreno da Linguística Aplicada é muito promissor. E este rumo da Linguística Aplicada está sedimentada por autores mais recentes como Alastair Pennycook (1998) que propõe uma Linguística Aplicada crítica, em que o linguista aplicado é mais do que um aplicador de teorias, mas um ativista político, em que a “linguagem funciona para manter e/ou mudar as relações de poder na sociedade.[...] O linguista aplicado pode auxiliar o ser humano a conscientizar-se sobre o modo como a linguagem contribui para o domínio de umas pessoas sobre as outras”. Segundo Pennycook as “desigualdades sociais ficaram latentes na década de 90, que foi marcada pela presença de iniquidades construídas a partir das diferenças de gênero, raça, etnia, classe, idade, preferência sexual e outras distinções que conduziram às desigualdades opressoras”. Não é possível pensar uma filosofia da ciência que não se ligue ao social, haja vista a Sociologia do Conhecimento, uma área de estudo recente dos últimos 40 anos, que contesta a visão linear do progresso das ciências e pleiteia que as ideias possam ser sempre atreladas a outras questões, que são frutos geopolíticos e socio-históricos.

No Brasil, a LA já tem uma conscientização muito clara, haja vista a voz de nosso colega Luiz Paulo Moita Lopes em seu livro *Por uma linguística indisciplinar* (2006), em que sinaliza justamente para esses novos ventos aos quais devemos aderir, conquistando novos voos. Nosso colega, afirma que a LA tem de repensar o seu terreno. E confirmo que os problemas linguísticos que estão ocorrendo no mundo atual não são da alçada de uma linguística teórica tradicional; pode até ser que em algum momento se recorra a essa linguística, mas temos de repensar a realidade desses novos tempos; temos que passar a categorias e conceitos completamente novos. Não é a linguística isoladamente, à revelia, que vai dar conta desses problemas. Cada realidade exige uma nova tomada de posição. Daí retornarmos ao *situadness*. Não há como replicar pesquisa de um lugar para outro. É preciso olhar a realidade sociopolítica e não apenas reduplicar o já feito em moldes tradicionais para apenas dizer que está fazendo pesquisa. Precisamos olhar para as peculiaridades, mas não com óculos emprestados de outro, pois sempre darão uma visão enviesada. Nosso trabalho é muito mais importante do que pensamos. Não somos simples replicadores. Linguística Aplicada também pressupõe fazer a sua própria teoria em moldes completamente diferentes.

Enfim, todos os episódios descritos refletem uma voz que chega aos dias de hoje: nós não somos consumidores de teorias, nós produzimos. É importante reconhecer de onde viemos e onde estamos, para saber para onde iremos.

Referências

BROWN, G. **Listening in Spoken English. 2nd. London:** Longman, 1990.

CORDER, P. **Introducing Applied Linguistics.** NY: Penguin Books Ltda, 1973.

DAMIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. **Linguagem & Ensino**, Vol. 8, No. 2, pp.181-196, 2005.

PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism.** Oxford: Oxford University Press, 1993.

HUTTON, C. M. **Race and the Third Reich: Linguistics, Racial Anthropology, and Genetics in the Dialectic of Volk.** Cambridge: Polity Press, 2005.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A. “A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica”. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas.** Campinas: Mercado das Letras, 1998.